

**À SOMBRA DA  
IMORTALIDADE**



**DYLAN RICARDO**

**À SOMBRA DA  
IMORTALIDADE**

**LIVRO II**



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Dylan Ricardo, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

PREPARAÇÃO  
**Érica Hayashibara**

REVISÃO  
**Bianca Gulim**

CAPA  
**Luiz Gustavo**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Ricardo, Dylan

À sombra da imortalidade: livro II / Dylan Ricardo. – 1ª edição – São Paulo:  
Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-12-0

1. Ficção brasileira 2. Horror I. Título

CDD: 869.3



**São Paulo**

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

Jones levantou-se da poltrona com o peso de um coque nos ombros. Caminhou mecanicamente até o banheiro, lá se despiu e banhou-se.

Minutos depois, sobre a cama, enquanto segurava o livro refletia acerca dos últimos eventos:

– Pense! Raciocine! – murmurava para si, quase com furiosa súplica.

“Por que alguém invadiria a editora para roubar simples bilhetes? Para se desfazer de provas, talvez! Mas que tipo de provas? O que havia escrito neles de tão importante?”

Jones se recordou da primeira vez em que vira Fergelus, e de como ele preocupara-se em pedir-lhe de volta o papel que tinha no bolso, no qual havia o endereço da taverna.

“Foi um comportamento estranho. O que o levou a fazer aquilo? Ele não quer que saibam da existência daquele lugar, ou será que não deseja ter seu nome relacionado a ele? Oficialmente ele está hospedado no Hotel Langham, mas pelo que eu soube quase não aparece por lá. A taverna certamente que não está em funcionamento, ele apenas a adquiriu e a mantém fechada. Por quê?”

Já estive em seu porão, e não vi nada de tão diferente... mas, isso já faz algum tempo. Pelo que pude notar, apenas três pessoas além do senhor Fergelus sabem da existência daquela taverna: o manco, eu e o senhor Stafford. Há alguma coisa lá que ele esconde! Preciso dar uma olhada no lugar!”

Ele direcionou os pensamentos para Gibbons: “Posso estar enganado, mas Charles mudou. Além de suas dores nas costas terem sumido, ele alterou também a opinião sobre o livro. Não sei se isso quer dizer alguma coisa, mas me parece incomum”.

Jones abriu o livro, mas se deteve antes de iniciar a leitura; ainda estava tomado por aquelas análises: “O Ano-novo se aproxima, e com ele a festa em casa do senhor Stafford”, suspirou. “Terei que levar Lilian e Elisabeth... Já me arrependo de ter ido trabalhar nessa editora! Mal consigo me lembrar como isso aconteceu! Estar na mesma sala que o senhor Fergelus será agora bem mais perigoso, o que sei ele também saberá! Como se não bastasse ter o manco para lhe contar tudo, minha mente tratará de fazê-lo também.”

Voltando os olhos para a obra, esmoreceu ante as páginas que o dominavam, e cada uma delas lhe figurou com um dos tijolos da prisão que se erigia ao seu redor.

Ele passou a ler:

*E, saindo da floresta, desceu por uma encosta pedregosa, íngreme, cujo sopé era rasgado por um pequeno córrego. Apesar de algumas nuvens espessas acobertarem o sol, a manhã trazia uma luminosidade reveladora que pousava alguns raios sobre um estreito riacho, dele fazendo saltar um tímido arco-íris.*

*Entrando cauteloso no povoado, viu que realmente o lugar estava deserto. Não havia animais presos em cercados, qualquer horta familiar, nenhuma fogueira acesa ou sinal de vida humana. Nem sequer parecia que naquelas terras se davam conflitos frequentes, pois o silêncio que ali feria os ouvidos era tão tranquilizador quanto mortal.*

*Algumas casas tinham as portas e janelas abertas, insinuando que seus habitantes se haviam retirado às pressas. Pelos cômodos letárgicos, a lama empapava um assoalho sujo de neve dura e escurecida, por onde deitavam folhas secas e animais mortos. Em muitas delas, pequenos roedores corriam assustados por entre velhas mobílias quebradas, escondendo-se sob entulhos de madeira ou feixes de palha, enquanto o adejar acercado de algumas aves curiosas expunha o quão a quietude tumular era presente. O ambiente lhe trouxe uma peculiar placidez, tendo a agradável solidão lhe remetido às noites em que passara sentado na areia gelada do noturno deserto mediterrâneo.*

*Uma daquelas aves se aninhou no parapeito de uma janela, e ambos se entreolharam por um instante, como se cúmplices da concórdia ofertada pela tranquilizadora desolação que se espraiava. No entanto, logo o pássaro alçou voo, agitando as asas negras, tal qual a morte que sacoleja o manto para limpar-se do sangue de quem abocanha.*

*Em busca de roupas, de balde ele vasculhou os armários da primeira casa, abriu gavetas, baús e remexeu entulhos de pano. Depois foi até a segunda, arrombou a porta com o empurrão de uma das mãos e entrou, para logo no assoalho da sala dar com um cadáver. E o sorriso petrificado do crânio carcomido lhe foi mais hospitaleiro que os dois buracos negros dos olhos.*

*Devido ao frio, o corpo mostrava-se parcialmente conservado, tendo em algumas partes uma coloração arroxeada e em outras pequenas mordidas de animais. Um corte profundo lhe rasgava o ventre, do qual vísceras besuntadas e rígidas saltavam como cobras que dormem enrançadas. Um dedo endurecido apontava de forma acusadora, talvez em uma ex-temporânea tentativa de indicar seu algoz.*

*Saiam-lhe pelas orelhas larvas muito brancas, pequenas, como um punhado de arroz, que serpenteavam, preguiçosas, suspirando em conjunto seus instantes finais. Um líquido viscoso de pigmento amarelado contornava*

*alguns ferimentos dispersos. Era difícil crer que aquele amontoado de ossos enodoados e carnes putrefatas havia sido uma criança.*

*A matéria que constitui os Efêmeros é extremamente frágil e sujeita a males de que eles nem sequer ouviram falar. Seus corpos nada mais são que vestimentas da própria morte, são trajes usados pelos anos assassinos, são roupas que o tempo utiliza como lhe convém, para, ao inevitável porvir, serem retiradas e jogadas no baú sem fundo do esquecimento.*

*Cadáveres são interessantes e curiosos. São como livros de histórias que ninguém se atreve a ler. Em seus olhos sem brilho há uma missiva remetida do futuro, destinada a todos os que ainda respiram. Apesar de emudecidos, o que divulgam em seu perpétuo silêncio soa como um brado que ensurdece o âmago da esperança. Sua imobilidade está viva e remexe-se nas entranhas da certeza.*

*Olhá-los, para os sentimentais e introspectivos, remete à angústia e a um sentimento de desamparo, mesmo se estes forem Efêmeros de fé religiosa, pois a feiura natural de uma carcaça humana é a antítese da existência, que por muitos é classificada como o presente de uma divindade. É difícil, para os mais questionadores e bem-dotados intelectualmente, após contemplar a face de um morto, crer que um supremo poder celestial exista.*

*A morte é a sentença decretada pelo tempo, é o revoltante destino de cada ser vivente, em qualquer época ou cultura.*

*O tênue odor do apodrecimento que pairava tal e qual os resquícios de um perfume não o incomodou. Ele encarava-o como a fragrância natural dos jardins da destruição. Ademais, apesar de ser imorredouro, a morte o acompanhava a cada passo, e quase exercia o papel de uma enamorada consorte que com frequência serve faustos banquetes ao bem-amado.*

*Desviando do infante corpo retorcido, ele penetrou os cômodos, transpôs umbrais, contornou entulhos, chutou punhados de neve endurecida, e buscou pelos quartos. Em um deles encontrou algumas poucas vestimentas que lhe serviram.*

*Livrar-se das vestes otomanas era essencial para ambientar-se à realidade cultural valaquiana. Cobrir-se com trajes da região permitiria que ele atravessasse o território sem ser considerado inimigo. E se desnudando ele largou as roupas no piso, para vestir cada peça encontrada, descartando as que não lhe cobriam o talhe.*

*Ele explorou o povoado sem alarde, como se fosse seu proprietário, e sentiu a mortal calma da paisagem como parte de si. Explorou os recôn-*

*ditos, os poços, os cercados, as esquinas, os quartos, os corredores, gavetas e pequenos porões, ainda abriu todas as portas, os baús, as janelas, os armários e os alçapões.*

*Sem mais o que buscar, ele abandonou a vila, seguiu pela margem direita do Rio Vedeia, na área interfluviana entre os rios Olt e Arges, também afluentes do grande Danúbio.*

*O governante da Valáquia, Ladislau II, filho de Dan II, que integrava a linhagem Danesti, uma das duas linhas rivais de voivodas, sendo a outra a Draculesti, fora morto em um combate, e em seu lugar assumira o algoz, o filho de Vlad II Dracul, que por fim havia recuperado o trono do pai assassinado.*

*Regia Vlad III Draculea, combatendo os inimigos com mão pesada e enérgica crueldade. A capital do reinado era Targoviste, e lá estava seu castelo, no entanto a fortaleza em que passava a maior parte do tempo, construída no início do século XIII, e reformada por ele duzentos anos depois, se localizava a alguns quilômetros de distância, no alto de um penhasco, perto de Fagaras, uma cordilheira composta de quinze montanhas nos Cárpatos do Sul.*

*A imponente fortificação, chamada Poenari, erigida sobre um rochedo de quase novecentos metros de altura, na Transilvânia, era tal um silencioso e sombrio ninho de águia, servia como um estratégico ponto de observação, além de proteção para o severo voivoda Draculea.*

*Influenciado pela serpente negra, seu instinto apontou-lhe um trajeto que não era aleatório, e a expectativa do confronto tornou-se tão forte que ele a sentiu quase como uma premonição.*

*Metendo-se pelos bosques da Valáquia ele obedeceu àquela mágica ingerência sem questionar, com regularidade ocultando-se ao percurso para evitar tropas que vez por outra passavam. E as poucas que viu seguiam ao encontro de alguém que entraria para a história.*

Jones deixou tombar o livro sobre a barriga, sacudiu e massageou as mãos, que estalejaram. Devido ao posicionamento elas haviam adormecido, mas não ele, que ainda estava alerta, pronto para continuar a leitura.

E a pressão que experimentou nos pulsos estranhamente se assemelhou ao abraço de algemas, trazendo-lhe a infausta desconfiança de que seria acusado pela morte de Johnson. Em seguida ele olhou para o livro e convenceu-se de que aquela sensação era a dos grilhões que lhe prendiam à obra.

Voltou a ler.

## LXVII

*As planícies eram íngremes e fartamente arborizadas. O árduo terreno ondulava-se em aclives e escarpas, e o verde que se espalhava, parcialmente tingido pelo alvor da neve quase dissipada, ornava a paisagem em confusos salpicos intercalados.*

*Em vários trechos o solo acarpetava-se amplamente por folhas mortas, que ocultavam a terra úmida sob um manto mesclado em tons laranja-escuro, marrom, cinza e um abatido amarelado. As árvores variavam muito de tamanho e grossura, parecendo ter sido fincadas no chão por uma natureza desleixada, e de suas copas fracos raios do sol tombavam em lampejos oscilantes.*

*Rios surgiam com frequência como afluentes do Vedeá, que era extenso, tinha duzentos e vinte e quatro quilômetros, além de vinte e uma cidades e vilas ao longo de seu curso. De sua margem esquerda, ramificavam-se seis outros rios, e da direita, treze. Todavia ele não cruzaria todos, pois a sua perpétua compulsão em locomover-se estava sendo guiada pela serpente, e esta o levava em sentido oposto, em direção ao Rio Arges, que se localizava a poucos quilômetros de Targoviste.*

*Em meio à abrangente e copada ramagem ele cessou os passos, pois ruídos distantes lhe capturaram a atenção. Havia surgido um alarido confuso a parecer o som de gritos abafados que se mesclavam ao barulho estridente de metais chocando-se.*

*Ao aproximar-se com cautela, atrás das folhagens ele pôde contemplar ao centro de uma pequena clareira um grupo numeroso de otomanos digladiando-se com soldados da Valáquia, que defendiam suas vidas e seu território de forma desesperada e selvagem.*

*As espadas rodopiavam com ânimo e astúcia, sendo descidas com fúria e agilidade. A colisão do aço das lâminas provocava um som fino, mas robusto, que ecoava trêmulo e ensurdecedor. O confronto era brutal, podendo-se ver ao solo empapado de vísceras já uma enorme quantidade de corpos mutilados; ali alguns ainda se remexiam esguichando sangue de profundos ferimentos.*

*Eram duas forças militares treinadas e mortais em pleno confronto, cada uma demonstrando suas técnicas marciais e profundo ódio uma da outra. Aquele era um espetáculo digno de se ver.*

*Com um sorriso ele sentou-se sobre uma pedra, tornando-se então um interessado espectador da história humana, no entanto bastaram alguns segundos para que se dissipasse a compulsão de tão somente contemplar a morte alheia, e surgiu uma ideia estratégica: iria auxiliar os soldados e resistir junto a eles contra o ataque otomano, desta forma criaria a oportunidade de integrar-se.*

*Levantando-se ele correu até a contenda, agarrou a primeira espada que viu sobre o terreno e passou a gritar palavras ofensivas em perfeito idioma turco-otomano. Aquilo o divertiu profundamente.*

*Os valaquiianos surpreenderam-se, olhando-o com espanto, e os otomanos mais ainda, para logo correrem ao seu encontro com enfurecido apetite de destruição. E, empunhando a espada com as duas mãos, ele desferiu um golpe diagonal na clavícula do primeiro a aproximar-se. A pesada folha de aço cortou o homem transversalmente, quase em duas partes, fazendo-o tombar sobre um lago de sangue. Mais dois se aproximaram pela sua esquerda, e um terceiro pela direita. Com um golpe vertical muito potente desferido ao topo da cabeça, ele dividiu o homem até o tórax, e virando-se, com incrível destreza cortou o braço do seguinte, para de imediato arrancar-lhe a face com um talho certo. Por um momento, o último otomano do trio atacante hesitou, mas não foi perdoado por isso. Metade da espada lhe entrou pela boca, socando-lhe os dentes, que saíram pela nuca, junto à lâmina besuntada pelo seu sangue escuro e grosso.*

*Agora se havia invertido a circunstância e ele passara a matar otomanos, mesmo tendo convivido por tanto tempo com aquele povo. E os matava sem nenhuma inibição ou piedade, afinal eram Efêmeros, indescritivelmente ignorantes como a maior parte dos que viviam àquela época. Eram homens destinados à carnificina, à escravidão e à estupidez, a se reproduzirem como animais para perpetuar a sua inutilidade e selvageria. Eram marionetes operadas pelas mãos do infortúnio.*

*E ainda mais otomanos surgiram saltando à sua frente como felinos rápidos, destemidos, erguendo escudos e brandindo espadas. Seis ao todo o cercaram aos gritos.*

*Com um corte preciso, ele arrancou metade da cabeça do mais próximo, e soltou a espada que tinha às mãos para tomar a lança que o homem havia deixado cair.*

*Munido com a resistente seta de quase dois metros de extensão, enterrou-a abaixo do queixo de um deles para erguer alto o seu corpo e arremessá-lo de encontro aos outros. E girando a arma acima da cabeça desferiu uma vigorosa pancada nas pernas dos demais, quebrando-as à altura do joelho; todos tombaram contorcendo-se de dor. Os que ainda restavam de pé o atacaram, mas foram abatidos com brutalidade, tendo seus peitos trespassados inúmeras vezes pela acúlea ponta do dardo.*

*Abandonando a lança, ele voltou a munir-se com uma espada e decapitou sem clemência os que, desesperados, serpenteavam no chão.*

*Uma flecha lhe atingiu o ombro, e ele a arrancou como se nada fosse, quebrando-a entre os dedos. Um otomano, aproveitando a oportunidade, arremessou uma lança ainda maior em sua direção, mas, antes da amolada ponta tocar-lhe o corpo, a arma foi agarrada em pleno ar, a poucos centímetros do alvo, para ser jogada novamente em direção ao guerreiro. A madeira atravessou-lhe o abdome para fincar-se na terra, e o homem urrando de dor arriou de joelhos para ter sua cabeça arrancada pela espada de um valaquiiano.*

*A luta continuava. Com uma espada em cada mão ele partiu para o ataque, atingindo o pescoço do primeiro guerreiro que surgiu. O corte foi profundo, mas não a ponto de separar o crânio do corpo. A cabeça do homem pendeu para trás, pendurada por uma tira de carne, e ele caiu, banhando-se na chuva de sangue que esguichava das artérias expostas.*

*Com as pontas das duas espadas, em um movimento impecável, ele perfurou ao mesmo tempo o estômago e a garganta de outro, que mal conseguiu tocá-lo, para mais adiante descê-las com energia à altura das clavículas do que parecia estar comandando o ataque, para matá-lo instantaneamente.*

*O aguerrido grupo de soldados da Valáquia estava bastante reduzido, pois as baixas foram numerosas, mas os otomanos estavam perdendo a luta, pois a fúria que ele demonstrava os fazia recuar. Muitos nem sequer ousavam se aproximar, preferindo atacar a outros.*

*Quando os soldados estavam praticamente cercados, ouviu-se da floresta um inesperado e forte barulho de trotes, para logo em seguida saltar por entre as árvores uma guarnição bem armada. E avançando contra os otomanos, os cavaleiros conseguiram matar boa parte deles pisoteando-os com as musculosas patas de seus cavalos. Não vendo alternativa, os poucos guerreiros que haviam sobrado decidiram fugir, no intuito de se reagrupar para retomar o ataque em outra oportunidade.*

*Os gritos de vitória dos valaquiianos foram estrondosos. Muitos saltaram inúmeras vezes com os braços erguidos enquanto outros executavam os inimigos feridos. Para aqueles homens a batalha foi épica e seu desfecho, um triunfo absoluto; para ele foi um misto de diversão e rotina.*

*Muitos se abraçaram calorosamente, apertando o corpo um do outro com excessivo ânimo, inclusive o dele. Aquela foi a primeira vez que recebeu um abraço Efêmero, e tal ato causou-lhe repulsa. Bem mais repelência do que o massacre que havia promovido.*

*O idioma que os homens falavam em muito o fez recordar-se do latim. Algumas palavras eram semelhantes as que ele já conhecia dos tempos do Império Romano. Isso era devido ao fato de Roma ter tornado aquela região uma província durante o regime do imperador Trajano. A ocupação durou aproximadamente dois séculos, tendo os colonos romanos introduzido a sua língua no território.*

*Sua profunda e acelerada capacidade de assimilação linguística originava-se de uma misteriosa e eficiente natureza adaptativa. Em si ele já abrigava o germe adormecido de todos os idiomas, bastando apenas, para acordá-lo, a leitura e a audição. E essa habilidade o vinha ajudando a se comunicar com os Efêmeros ao longo da história, quase que de imediato, auxiliando-o demasiadamente a se infiltrar em seu meio. O mundo era dividido não apenas por idiomas diferentes, mas por culturas e pensamentos. Muitos povos e muitas ideias antagonizavam e ele teria que adaptar-se a tudo para não ser descoberto.*

*Muitos valaquiianos aproximaram-se para enaltecê-lo, afirmando, estupefatos, que jamais haviam visto um guerreiro como ele; outros, mais desconfiados, indagaram onde havia aprendido tão bem o idioma do inimigo. Ele lhes disse que havia sido prisioneiro, e que por esse fato poderia ceder informações importantes sobre os movimentos das tropas, ainda sobre o estilo de combate otomano.*

*Sem dúvida que o acharam de grande valia.*

*Enquanto os aliados mortos eram recolhidos para serem enterrados, e seus pedaços ajuntados como vegetais em uma cesta, um grupo montava guarda para que o pelotão não fosse surpreendido por outro ataque. Ao todo, cento e dez valaquiianos morreram, sendo noventa e quatro as baixas otomanas.*

*Muitos dos enfurecidos soldados passaram a queimar e mutilar os cadáveres dos inimigos, chutando-os, cuspidos sobre as carcaças deformadas, com o ódio dos que haviam perdido bons amigos em batalha. Ele teve uma ideia melhor.*

*Com a lança ele passou a perfurar os cadáveres dos otomanos, cuidando para que a outra extremidade do dardo mortal fosse cravada na terra, e assim erguia as carcaças como uma bandeira. Como uma mórbida advertência para que não se aproximassem, pois, caso o fizessem, o destino seria o mesmo.*

*Cabeças, troncos sem membros, braços e pernas foram trespassados pelas lanças e hasteados como lábaros mortais, criando quase um tipo macabro de vegetação nova que se destacava ante a floresta silenciosa.*

*Os soldados encolerizados seguiram o seu exemplo, passaram a elevar os trucidados despojos presos às pontas de longas hastes de madeira.*

*Após um par de horas, seguiram em direção a Targoviste, pois o comandante daquela tropa queria se valer da luz do dia para percorrer as estradas sem a ameaça de um assalto noturno. A intenção do líder era a de levá-los ao encontro de seus superiores.*

*Para chegar ao destino havia dois trajetos paralelos, cuja distância entre ambos era de aproximadamente entre oitenta e dois a oitenta e nove quilômetros. Ele, que devido à coragem em batalha já ocupava uma posição de destaque, aconselhou o comandante a seguir o caminho do meio, pela floresta. Daquele trecho do Rio Vedeá até Targoviste, a cavalo, levariam um dia, e percorreriam cento e vinte e quatro quilômetros.*

*Todas aquelas detalhadas informações simplesmente lhe surgiam à mente de maneira espontânea, e ele não só as transmitia, como também as guardava, intuindo que tal conhecimento despontava por intervenção da serpente negra. E cada palavra lhe permanecia na memória sem jamais ser apagada. Esse acúmulo de dados com o passar dos séculos robusteceria profundamente a sua capacidade intelectual.*

*Sobre um cavalo azulado, à força de tão negro, tendo ao lado o comandante, à frente alguns batedores e atrás mais de quinhentos homens, ele sacolejava brandamente sobre a cela. O terreno escarpado tornava a viagem penosa não só para aqueles animais, mas para o pelotão, se podendo ouvir, vez por outra, repetidos gemidos de dor oriundos do volumoso aglomerado de cavaleiros.*

*Alguns, sem montaria, caminhavam atentos e em fila nas laterais da estrada, formando uma linha de proteção entre a cavalaria e a floresta. Com espadas, escudos e lanças em punho, mantinham-se tensos por aguardar investidas oriundas da copada vegetação. E por todo o dia nada mais se fez além de cavalgar. As conversas eram aos sussurros, de forma a manter os ouvidos despertos, pois o receio de agressões era uma companhia constante.*

*Os pensamentos daqueles homens eram os mais variados. Alguns, plenos de ódio, mal podiam esperar o momento do confronto, enquanto outros, mesmo temerosos, convencidos estavam de que deveriam pelear e cumprir suas obrigações. Porém, todos, sem exceção, receavam as consequências da deserção, pois o voivoda da Valáquia não era impiedoso apenas com os inimigos e com os traidores, mas com os covardes.*

*Ao percurso passaram por estranhas árvores curvas, a parecerem pontos de interrogação invertidos, que saltavam de um terreno plano e esverdeado. Riachos de águas incrivelmente límpidas surgiam com regularidade, nos quais pedras arredondadas abundavam. Altos pinheiros alçavam-se do terreno irregular repleto de folhas amarelas e marrons, misturando-se entre si de maneira a fechar a floresta como uma sólida parede sem formato definido.*

*Havia pouca neve, mas o vento era frio e soprava constantemente, as folhas oscilavam com mansidão, enquanto os galbos meneavam com cautela.*

*Ao topo das montanhas e das árvores mais elevadas, uma bruma espessa deslocava-se com lerdeza, como um esfumaçado barco em correnteza calma que tem seu casco inutilmente fendido pelas setas dos pinheiros.*

*Foram quase nove horas sacudindo-se sobre o lombo de uma desconfortável besta que com regularidade empinava, assustada, ante qualquer ruído mais elevado. E depois de mais de quarenta quilômetros cruzando montanhas, florestas e rios, praticamente todo o percurso em linha reta, eles chegaram a uma comuna chamada Ciolanesti, ainda na região da Muntênia, ou, como também era conhecida, Valáquia Maior.*

*A Valáquia era subdividida em duas regiões: Muntênia e Oltênia. A Muntênia localizava-se entre o Rio Danúbio — que se estende do sul ao leste —, os montes Cárpatos e a Moldávia ao norte, tendo ainda a oeste o Rio Olt, que é a fronteira natural com a Oltênia.*

*Em Ciolanesti as tropas espalharam-se, ocupando todo o local. As ordens foram para que uma guarda protegesse a casa em que se hospedaria o comandante e que pontos estratégicos de vigília fossem escolhidos ao redor do território. Os demais descansariam antes de substituírem os que permaneceriam vigilantes.*

*A ameaça otomana propagava-se pela região como uma praga, e devido a isso a população fugia em sentido oposto ao Danúbio. Muitos haviam partido para a Moldávia e outros para a Transilvânia; dos que permaneceram, a maior parte uniu-se ao exército para combater o invasor, que a cada dia se aproximava de Targoviste.*

*Ciolanesti era uma cidade pequena, com vias rudimentares de terra batida margeada por lama, córregos e montículos de vegetação seca. Trechos de capim verde mesclado à neve se alastravam ao redor de diversas habitações de sujos telhados vermelhos e enodoados tijolos brancos. Havia um extenso campo aplainado a manter separados o conjunto das casas e as árvores que cercavam a área, o que dificultava qualquer ataque surpresa, pois o terreno descampado denunciaria a aproximação de qualquer grupo.*

*Barricadas foram erguidas à margem oposta da floresta e ali alguns homens passaram a montar guarda, sendo tochas fincadas no solo, cerca de cento e cinquenta metros à frente. Uma imensa auréola de fogo abraçou todo o lugar, e as chamas tremulantes ficariam acesas à noite, sitiando a cidade. Entre a floresta e cada barricada uma distância de aproximadamente duzentos metros tornava ampla a visão dos vigias.*

*Possivelmente o excesso de luminosidade os denunciaria, mas era bem melhor do que serem apanhados de surpresa. Alguns soldados foram enviados para dentro da floresta, e ali, ocultos, espreitavam qualquer movimentação suspeita.*

*Quando ele desceu do cavalo, de imediato o comandante se avizinhou e lhe ofereceu uma espada. O homem, com um sorriso, afirmou que, se ele era tão bom em uma luta quanto os soldados afirmavam, não seria justo que ficasse desarmado, pois seguramente outros embates estavam por vir. Aceitando a arma, ele agradeceu, e tratou de cingir a cintura*

*com o cinto grosso no qual estava presa a longa bainha, de onde saltava a empunhadura da lâmina.*

*A cidade mantinha-se silenciosa. Os poucos moradores que haviam restado, apesar de se sentirem seguros com a presença militar, temiam a chegada dos otomanos, que estavam próximos. Boa parte deles havia decidido partir na manhã seguinte com os soldados.*

*Não havia sequer uma área livre da possibilidade de confronto. Os otomanos encaravam a Valáquia como uma zona estratégica em razão de sua fronteira com o Reino da Hungria, só não a invadiam graças a um tributo anual, mas isso não os impedia de vez por outra promoverem incursões para além do Danúbio na intenção de conservarem a todos bem avisados quanto à sua autoridade na região.*

*E não sendo suficiente a monstruosa ameaça externa, os aguerridos e tolos Efêmeros de nobres famílias ainda haviam criado duas linhagens de voivodas, que lutavam entre si pelo domínio da Valáquia, e a escaramuça já se havia estendido do final do século XIV ao início do XVI. Eram as Casas dos Draculesti e dos Danesti.*

*O pelotão a que ele havia se aliado respondia à Casa Draculesti, encabeçada, após a morte de Vlad II Dracul, pelo seu filho Vlad III Draculea, que era um exímio estrategista e defendia seu reinado com uma brutalidade incomum.*

*As tochas espalhadas à volta da comuna se agitavam, tremiam, nervosas, como se pela expectativa do confronto, e algumas já se haviam extinguido, criando um buraco de escuridão entre as outras que ainda permaneciam inflamadas. Em breve as que ardiam teriam o mesmo destino caso seus trapos não fossem substituídos ou novamente embebidos à substância que os mantinha acesos. E alguns soldados foram designados para essa tarefa.*

*Munidos com alguns panos e baldes cheios de um líquido negro e viscoso os homens dispersaram-se, se aproximaram das hastes de madeira fincadas no terreno plano para efetuar a troca. Todos, com muita pressa, tensos, de olhos esbugalhados, mas com cuidado, mergulharam grossos farrapos sujos nos baldes, retirando-os ainda mais enegrecidos, depois os enrolaram no topo dos bastões cravados, para em seguida inflamá-los.*

*Ao reacenderem-se as chamas, a luminosidade clareou com o dobro de exuberância, revelando por dentre as folhagens um número imenso de faces escuras. Os metais das espadas que se prolongavam para além da vegetação reluziram com tamanha vivacidade que foi impossível não*

perceber seu avantajado número. Os homens ali ocultos eram muitos, e suas cabeças pareciam os frutos daquelas árvores.

As primeiras flechas arremessadas atingiram alguns soldados, que caíram imediatamente; os outros, tomados de surpresa, aos gritos empreenderam uma desesperada fuga, o que foi inútil, pois, como os primeiros, tombaram varados por setas.

*Era um ataque.*

A tropa se pôs de prontidão: espadas, lanças e escudos foram erguidos. Alguns haviam encaixado suas flechas ao fio do arco e retesado a madeira em busca de um alvo. A correria estabeleceu-se desordenada, mas o pelotão sabia como deveria agir.

O pânico dominou os moradores do povoado, que aos berros corriam sem destino, enquanto um mar de homens armados e agressivos despontava da escuridão, sendo vomitados pela floresta.

Uma chuva de flechas cortou o ar, podendo claramente ser ouvido o som de suas pontas fincarem-se à madeira das carroças e portas. Muitos dos agressores já se mostravam, eram otomanos, e alguns agarraram as tochas usadas para a defesa, utilizando-as para aos poucos incendiar as habitações.

Ele agarrou o arco de um soldado morto, e inserindo uma flecha no instrumento disparou no peito de um homem que se aproximava brandindo uma espada curva. E surpreso sorriu por ter usado pela primeira vez uma arma daquele tipo. Pensou em como aquilo era tão primitivo quanto prático. Estava a matar Efêmeros a distância, e divertia-se com isso.

O local estava cercado, e os otomanos pareciam acompanhados por mercenários, pois entre seus gritos outras línguas também podiam ser ouvidas, inclusive o romeno. Algumas casas já estavam em chamas e muitos cavalos corriam em diversos sentidos, abalroando quem quer que estivesse à frente. O caos se instalara e a gritaria de horror mesclava-se ao som das ordens dadas pelo comandante.

Com as flechas ele continuava a abater os atacantes de forma extremamente eficiente, nem sequer errando um disparo. Um por um os homens iam tombando com o crânio perfurado pelas rápidas setas. O fogo alastrava-se rápido, subindo sua densa fumaça para além dos picos dos pinheiros, e o fulgor trepidante das altas labaredas tornou a noite em dia.

*Tendo acabado as flechas, ele soltou o arco e sacou da espada ao momento em que o comandante lhe chegava ao lado. O homem o olhou por um segundo como se transmitindo uma mensagem silenciosa de convocação. Sua expressão era a chamada para que lutassem juntos. E um sorriso diabólico lhe ornou a face salpicada de sangue enquanto as luzes das chamas dominantes dançavam em seus olhos negros. Seu instinto lhe ordenou que não matasse o líder do pelotão, pois este lhe seria vantajoso no futuro. O homem deveria ser protegido, em virtude de se haver tornado a sua porta de entrada para o castelo do governante daquelas terras.*

*Agora, tendo aquele Efêmero como testemunha e aliado, ele deveria dar um diligente espetáculo, pois a narrativa do guerreiro seria uma recomendação valiosa a invadir os ouvidos do temido príncipe da Valáquia.*

*Erguendo com bravura a sua espada ele enfrentou os atacantes, mas sem perder de vista o comandante. O primeiro golpe certo atingiu o pulso de um dos otomanos, arrancando-lhe a lâmina que empunhava. A arma caiu sobre a terra úmida, ainda sendo segurada por sua mão, enquanto o jorro de sangue saltava do toco à ponta do braço.*

Como um par de espadas negras, os dois ponteiros do relógio se erguiam, era meia-noite. Os olhos de Jones se avermelharam, incendiados, e a nuca, de tão dolorida, parecia ter sido golpeada em uma luta brutal.

Ele fechou o livro e outra vez o depositou ao lado da cama, sobre o tapete. Em seguida massageou o pescoço e verificou se a faca estava abaixo do travesseiro, apenas para se sentir seguro.

Antes de apagar o lampião, observou a porta, e relaxou ao ver a cadeira sob a maçaneta. Na sequência soprou a chama, e o aposento foi tomado pela escuridão.